



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MÔNICA VIVIAN OLIVEIRA DE ASSIS

**REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DA REFORMA E SUAS TRANSFORMAÇÕES
SOCIAIS, COM O OLHAR NO HOMEM MARTINHO LUTERO.**

DELMIRO GOUVEIA – AL

2022

MÔNICA VIVIAN OLIVEIRA DE ASSIS

**REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DA REFORMA E SUAS TRANSFORMAÇÕES
SOCIAIS, COM O OLHAR NO HOMEM MARTINHO LUTERO.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em História, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador Profº Dr Marcos Ricardo de Lima

DELMIRO GOUVEIA – AL

2022

Folha de Aprovação

MÔNICA VIVIAN OLIVEIRA DE ASSIS

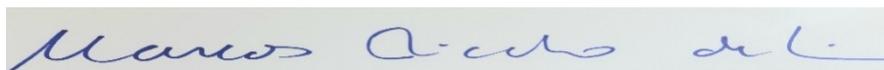
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DA REFORMA E SUAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS, COM O OLHAR NO HOMEM MARTINHO LUTERO.

Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura Plena em História, da universidade Federal de Alagoas (UFAL) como requisito parcial para obtenção do grau da graduada em História.

APROVADO em: 20 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

ORIENTADOR:



Professor Dr. Marcos Ricardo de Lima.

1º EXAMINADOR:



Professor Dr. Aruã Silva de Lima.

2º EXAMINADOR:



Professor Esp. Marcus Swell Brandão Menezes.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos. A minha amada mãe que se não fosse ela não chegaria até o fim, pois foi meu braço forte nessa caminhada ao meu pai e irmão que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam e sempre estavam ao meu lado dando força e incentivo para assim prosseguir ao curso, ao meu tio José Adriano, que me motivou a seguir na área, ao meu querido esposo Alex Junior que esteve ao meu lado me apoiando e incentivando a prosseguir. Aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso e a todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho dá ênfase de como era a visão de Martinho Lutero e sua forma humana diante as transformações sociais, *objetivo era recuar da visão de heroísmo de Martinho Lutero, apresentar seu espírito humano, sua compreensão da mudança social e fazer uma pequena revisão da Reforma Protestante*. Traz também os porquês de formações da incredulidade do povo com a igreja por conta de diversidades passadas na época relacionada a salvação. Tem como Martinho Lutero um homem como qualquer outro, cheio de angustias, anseios e dúvidas, no qual foi onde passou da devoção a “rebeldia” dando voz a uma revolução que já vinha acontecendo em diversas nações no qual ecoa até hoje.

Palavras-chave: Reforma, revisão bibliográfica, história.

SUMMARY

This work emphasizes how Martin Luther's vision was and his human form in the face of social transformations, the objective was to retreat from Martin Luther's vision of heroism, present his human spirit, his understanding of social change and make a small review of the Protestant Reformation. It also brings the whys of formations of the people's unbelief with the church due to past diversities at the time related to salvation. There is, like Martin Luther, a man like any other, full of anguish, anxieties and doubts, in which he went from devotion to "rebellion" giving voice to a revolution that was already happening in several nations in which it echoes to this day.

Keywords: Reform, literature review, history.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO (Contexto que levou a Reforma)	8
2. Martinho Lutero – (vida e movimento reformador).....	10
3. Revisão Bibliográfica da Reforma Protestante e Lutero	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24

1. INTRODUÇÃO (Contexto que levou a Reforma).

Este trabalho de conclusão de curso pretende desfazer a visão heroica do Martinho Lutero, e apresentar sua alma humana, para compreendê-lo dentro das transformações sociais, e fazer uma pequena revisão da reforma protestante.

O século XIV até XV foi marcado pela Peste e com ela a desconfiança dos fieis ao papel da igreja de salvação. “A morte, nunca distante da mente das pessoas, era aguçada existencialmente pela convicção de que tais doenças sinalizavam o julgamento de Deus sobre uma humanidade pecadora” (Carter Lindeber. p.51). A peste era percebida, na concepção popular, como uma punição de Deus pelos pecados da humanidade. Movimentos de flagelação se engajavam em penitências sangrentas em prol de pecados pessoais e coletivos.

A igreja do século XIV cada vez mais criticada por sua negligência aos assuntos da alma, diante de sua reserva comercial. Simbolizava o enfraquecimento dos símbolos cristãos da salvação perante a morte. O endurecimento das obrigações feudais, os camponeses se revoltariam tanto com a ordem econômica, como agora; as questões doutrinárias da atual fé cristã.

As cruzadas marcariam também uma mudança no regime político à igreja perderia cada vez mais espaço econômico e político. No século anterior agia também como uma função econômica e cultural, aproximando as culturas através das invasões. Essas cruzadas mudaram a cartografia da Europa o que eram antes pequenos reinos distribuídos em aglomerados dominados pela fé católica, a partir do século XV cada vez mais seus territórios ficariam cada vez mais heterogêneos. Assim por mais que antagônico as cruzadas não promoveram o fortalecimento da fé cristã, pelo contrário a Europa estava mais herege e dividida do que nunca.

Um racionalismo primitivo surgiria ao decorrer do século XV, as inovações tecnológicas e as novas práticas econômicas a partir da comercialização de mercadorias do conhecimento levaria esse sujeito Medieval quebrar suas raízes com a terra e pensar em outras maneiras de subsistências. O tradicional senhor feudal se

tornaria aos poucos um administrador culto e extravagante, uma forma de mostrar sua superioridade perante aos fieis. Cada vez mais em toda a Europa se percebe sua aparição a muito contra gosto do já enfraquecido clero.

A igreja na perda da sua função de salvação da alma. O papado cada vez menos estabelecido como um segundo poder, mas ainda continuava sendo a instituição mais próxima da cultura popular dos sujeitos desse tempo reagiria.

“Os excessos da igreja: a luxúria, a corrupção e o comércio de indulgências como resultado do grande medo que a peste negra consolidou no mundo Europeu ocidental” (Delemeau), permitiu que várias ordens dentro da nobreza e do catolicismo vulgar, criticassem a moral e a fé católica. Cada vez mais em toda a Europa se percebe aparição de príncipes e do baixo clero. A imagem de nação, servo de cristo e homem protetor ficou cada vez mais forte na cultura popular desse século. “Entretanto, é difícil construir uma nação quando seus principais centros estão infectados com perda de direção moral, desconfiança, despersonalização e fragmentação social, causados por interesses competitivos egoístas.” (Lidenberg p.68). “A crise do fim da idade medieval não era primeiramente econômica, política ou feudal; era uma crise de símbolos de segurança que chegou ao ápice quando atingiu a fiadora desses símbolos:” (Lidenberg).

Dante Alighieri (1265–1321) atacou o papado não apenas em sua Divina Comédia, mas também em sua De Monarchia. Nesse tratado, Dante argumentou que papas deveriam abandonar toda autoridade e possessão temporal, e que a paz temporal requeria uma monarquia universal sob a autoridade do imperador. Francisco Petrarca (1304–74), que vivera em Avignon e nas proximidades da cidade, descreveu a luxúria e mundanismo da corte papal como o “esgoto do mundo”.

O teólogo Inglês John Wycliffe tradutor da bíblia para o inglês, pregava nas praças arrebatando público com suas palavras de contrariedade a venda de indulgências e a favor de um cristianismo primitivo. Criticou os excessos da igreja católica a respeito das vendas de indulgências, das concupiscências do corpo e das imoralidades dos papas que não cessavam. “*Em virtude do envolvimento do próprio Alexandre em promiscuidade sexual, intrigas e supostos envenenamentos, o nome “Bórgia” virou sinônimo de corrupção*”. (Lindeberg. P.81)

John Hus influenciado pelo mais puro evangelho se viu escandalizado pela vulgarização da doutrina católica, denunciando os abusos, o que o levou a fogueira, muitos acreditam que ele foi o profeta de uma reforma que ungiram na figura de Martinho Lutero ao dizer: *“Hoje vocês assarão um ganso [Huss] magro, mas em cem anos ouvirão um cisne cantar”*. *“Não serão capazes de assá-lo e nenhuma armadilha ou rede poderá segurá-lo”* (palavras finais de Jan Hus antes de ser queimado vivo).

Diante de tudo isso, via-se a necessidade crescente de mudança em todos os âmbitos, fossem eles intelectuais, de conhecimento, espiritual e/ou religioso. Em um momento em que alguns ousavam ter coragem para se levantarem contra o sistema (ditado pela Igreja Romana), sem medo das consequências, foi neste momento, dentro do contexto renascentista que nasceu a Reforma Protestante.

2. Martinho Lutero – (vida e movimento reformador).

A reforma protestante teve início com padre Agostiniano Matinho Lutero (1483-1546). Lutero foi mais que monge agostiniano, e professor de teologia na Universidade de Wittenberg, teve uma formação diferenciada. *“Lutero veio de uma família em processo de ascensão social. Seu avô era um agricultor camponês, mas seu pai, ambicioso e determinado, progrediu na indústria de mineração, tornando-se um pequeno empreendedor”*. (Lindenberg. p.87). *“A mudança de Lutero do estudo de direito para a vida monástica e o estudo da teologia ocorreram no contexto da piedade de sua época”*. (Lindenberg. p.89).

Lutero com as ideias de Agostinho e lendo o livro de Romanos, onde expressa a salvação por meio da fé, responde uma confusão interior que o deixava inquieto:

Lutero, como tantos outros contemporâneos, ouvira o evangelho como uma ameaça da ira justa de Deus, uma vez que a teologia e prática pastorais medievais o apresentavam como um padrão segundo o qual pecadores deveriam andar caso quisessem alcançar salvação. (Idem. p.101).

Como é que um Deus bom, exige de pecadores a retidão? O fardo de responsabilidade humana não poderia ser superado por boas obras, o homem não

consegue suportar tamanha exigência. “Lutero percebia que não devia pensar na justiça de Deus no sentido ativo (de que precisamos nos tornar justos como Deus), porém no sentido passivo (de que Deus nos dá sua justiça)”. (Lindberg. 2017 p.102).

A boa nova, descobriu Lutero, é que a justificação não é o que o pecador alcança, mas o que ele recebe; não é o pecador que muda, mas sua situação diante de Deus. Em suma, o termo “justificado” quer dizer que Deus considera justo o pecador (LW, 34, p. 167).

Ao conceber a salvação unicamente pela fé, Lutero entra em contradição com as vendas de indulgências que estavam em atividade. “Indulgências se desenvolveram a partir do sacramento da penitência. O batismo incorporava uma pessoa à comunidade de peregrinos da Igreja”.(Lindberg. 2017. p.107). “Em 1514, Lutero denunciara o abuso de indulgências e, em sermões de 1516, criticara a própria coleção de relíquias de seu príncipe. Frederico não gostou”. (Lindberg. 2017. P.110). Em 1517, dá vida a seu espírito indignado. “Tetzel não tinha permissão para entrar em Wittenberg, porque Frederico III não queria competição com sua própria coleção de relíquias e indulgências correspondentes”. (Lindberg. 2017. p.109). “Membros, porém, da paróquia de Lutero venciam esse inconveniente, indo até Tetzel”. “Lutero ficava pasmo quando, depois de retornar, diziam que não precisavam mais de confissão, penitência e missa porque já tinham comprado bilhetes de entrada para o céu”. (Lindberg. 2017. P.109).

O que foi o estopim para sua maior indignação o qual levou-lhe a pregar na catedral de Wittenberg as 95 teses, no ano de 1517, que iniciou a reforma protestante, através desse ato de insubmissão a igreja católica e sua autoridade.

As “Noventa e Cinco Teses” eram proposições acadêmicas, típicas de um debate universitário, e foram escritas em latim, quando a maioria dos cidadãos de Wittenberg sequer lia alemão. Assim, a imagem popular de Lutero, o jovem irritado que martelou teses incendiárias na porta da igreja, é mais ficção romântica do que realidade. De fato, há ainda debates históricos intensos quanto às teses terem sido pregadas ou enviadas por correspondência (Iserloh, 1968; Aland, 1965; Treu, 2007; Leppin, 2007). (Lindberg. 2017. p.110).

Suas críticas não foram bem recebidas pelo clero católico, “Lutero o enviou o documento a Roma. O resultado foi uma explosão que alarmou e assustou praticamente todo mundo, inclusive Lutero, que, sem perceber, tocara em alguns pontos sensíveis da autoridade papal” (Lindberg. 2017. p110). Que o chamou para

se retratar e abrir mão das acusações feitas a sancta igreja e ao sancto Papa perante o próprio Leão X. “Embora o Papa Leão X não tenha supostamente desprezado Lutero, caracterizando-o como mais um monge bêbado e invejoso dentre os dominicanos¹” (Lindberg, p.111. 1972).

O ataque de Lutero contra indulgências parecia uma afronta contra a teologia tomística, a autoridade papal e a jurisdição (curial) dominicana sobre os hereges. Lutero, por outro lado, entendia seu questionamento sobre as indulgências como um debate acadêmico, ao qual tinha direito em razão de seu juramento doutoral (LW, 34, p. 103).

Mas ele não comparece. “Antes, porém, que o período de graça houvesse expirado Roma já havia decidido que Lutero era um herege e que deveria ser entregue às autoridades”. (Idem. p.114). Lutero escapou do destino costumeiro de um herege por meio de lacunas deixadas pelo entrelaçamento dessas preocupações de política imperial local. E em 1521 a Bula Exsurge Domine (15 de junho de 1520). Lutero foi ordenado a retornar à igreja mãe dentro de sessenta dias após o despacho do documento; se falhasse em se retratar, então até sua memória deveria ser exterminada. (Lindberg. 2017). Lutero é excomungado da igreja católica, o impedindo de usar autoridade da igreja como pregador.

Prierias formulou rapidamente uma resposta a Lutero: Dialogue Against the Arrogant Theses of Martin Luther Concerning the Power of the Pope [Diálogo contra as teses arrogantes de Martinho Lutero com respeito ao poder papal]. Esse “diálogo” acusava Lutero de heresia, reestruturando a controvérsia da indulgência em termos de autoridade papal. (p.112).

Na dieta de Worms em 1525 chamado novamente, desta vez pelo imperador Carlos V, a prestar esclarecimento, “Carlos, porém, havia concordado em sua coroação um juramento de que nenhum alemão deveria ser condenado a menos que seu caso fosse ouvido na Alemanha por um painel imparcial de juízes”. (p.123). E novamente pedem-lhe que renegue tudo que havia dito contra a igreja e o Papa. “apresentaram-lhe uma pilha de textos que havia escrito e requisitaram-lhe a se retratar de seus erros”. (Lindberg. 2017. p.124). Ele diz que suas afirmações tem base no evangelho, e que se o provarem diante das escrituras sagradas que ele está errado: “A menos que seja convencido pelo testemunho das Escrituras ou por uma razão clara [...], sou limitado pelas Escrituras que citei e por minha consciência, cativa à Palavra de Deus”, ele não tardaria a reconsiderar seus questionamentos,

“Não posso me retratar de nada, nem mesmo o farei, uma vez que não é nem seguro, nem correto, agir contra a consciência”. (Lindberg, 32, p. 112–13). Com a recusa e apenas a ordem de retratação, ele profere as palavras que o tornaram um ícone protestante e herege da igreja católica: “Não posso agir de outra forma: esta é a minha posição, que Deus me ajude. Amém”. (Lindberg, 32, p. 112–13). “Lutero [foi] sua insistência de que todas as tradições deveriam ser testadas em paralelo com a Escritura e que, além dos mandamentos explícitos da Bíblia, a liberdade cristã é como um campo vasto e aberto” (Marshall, 1996, p. 62).

De acordo com Lindberg (2017) Passaram-se dias em silêncio, espalhando-se rumores de que Lutero seria acorrentado e enviado a Roma. Os amigos de Lutero entraram em pânico e o conduziram apressadamente para fora da cidade. Posteriormente, Lutero veio a saber que escapara no momento exato. (Lindberg. 2017. p.119). Perseguido pela igreja católica, foi resguardado por Frederico I da saxônia, “Lutero foi sequestrado por ordem de seu próprio príncipe e levado em segredo ao castelo de Wartburg, de Frederico, onde seria mantido sob custódia protetora, disfarçado de cavaleiro, por quase um ano” (Lindberg. 2017. p.125), a nobreza tanto intelectual como econômica seria igualmente responsáveis pela segurança do Monge. “Não só diversos humanistas apoiavam sua causa, mas também nobres, como Sylvester von Schaumburg, que ofereceu a Lutero a proteção de cem nobres franconianos”. (Lindberg. 2017. p.122). Em suma, Lutero era agora líder de um movimento religioso que, na prática, se transformara em uma revolução (Lindberg. 2017. p.125). O que o permitiu traduzir a bíblia para o Alemão. “Lutero iniciou seu trabalho de tornar o evangelho acessível às pessoas, uma tradução legível e precisa da Bíblia foi um estímulo em relação à educação universal” (Lindberg. 2017. p.129).

Lutero explicou que queria comunicar um alemão claro e vigoroso, não latim ou grego. Assim, sua tradução foi guiada pelo uso linguístico das pessoas em casa, na rua e no mercado, argumentando, além disso, que a ideia teológica do texto suplantara a natureza da linguagem isolada. (Lindberg. 2017. p.130).

A Máquina de impressão idealizada por de Gutemberg contribuiria para a expansão da palavra de Lutero e sua aceitação.

A Reforma desencadeou um grande aumento na produção de livros, expandindo com rapidez o mercado editorial. Preparados, profissionais do mercado ansiavam por arrancar cada nova obra das

mãos de Lutero. Wittenberg, nas palavras de Pettegree (2005, p. 134, 140), tornou-se uma “explosão econômica”. “Para editores, essa era uma experiência sem precedentes na breve história da indústria gráfica, já que as obras de Lutero ofereciam garantia de sucesso e retorno excepcionalmente rápido no capita investido.”

Em 1524 a 1527 alguns movimentos luteranos se rebelaram contra a igreja e contra os nobres, levando as revoltas dos camponeses, o obrigando a tomar um lado, ficando do lado dos nobres e “contra” os camponeses, Müntzer era da opinião de que Lutero devia pregar juízo contra os príncipes, merecedores de maior condenação do que outros. (197). “fé falsa” de Lutero promovia e apoiava a tirania dos príncipes e que o Reformador era pregador de um “Cristo doce”, que chamava à fé sem obras. (Lindberg. 2017. p.205). Lutero pelo contrário não via “fruto algum do espírito de Allstedt [Müntzer], exceto atos de violência e o desejo de destruir [imagens de] madeira e pedra: até o momento, há pouca evidência de amor, paz, paciência e gentileza”. (Lindberg. 2017. p.294). Afirmando que nada é mais diabólico do que um homem revoltado, “pelo uso da destruição e da força, devei vós, então, intervir contra os culpados, banindo-os do país”. (LW, 40, p. 57). Usando Romanos 13:4, Lutero lembra “os príncipes de que seu dever é manter a ordem, impedir rebeliões e preservar a paz. Essa é a responsabilidade civil das autoridades seculares — não a imposição de doutrinas”. (Lindberg. 2017. p.205).

Esse episódio fez com que Lutero tomasse um lado “acabou libertando também as palavras do cativo da elite”. (Lindberg. 2017. p. 214). Muitos movimentos Luteranos foram convertidos em grupos hereges como os anabatistas e seu líder Thomaz muntzer que foi condenado à morte. “Lutero prosseguiu culpando ‘profetas-homicidas’, aqueles que, como Müntzer, pregavam revolução religiosa, Lutero também negava consistentemente o direito à revolta, a preocupação de Lutero se cumpriu, e a guerra levou a um sofrimento horrível!” (Lindberg. 2017. p.216). Lutero aconselhou que ambos os lados resolvessem a disputa de maneira pacífica por meio de negociações, antes na época em que Lutero havia composto o tratado, acontecimentos já haviam ultrapassado qualquer contribuição que o escrito pudesse trazer à situação. (Lindberg. 2017. p.217), levando outros reformadores como Ulrico Zuínglio a seguir esse exemplo de aversão aos anabatistas. “Assim como Lutero, Zuínglio também ficou pasmo ao ver como seus seguidores liam, de modo tão diferente, o texto bíblico que tanto se esforçara para lhes tornar disponível”. (Lindberg. 2017. P.261).

Estima-se que cerca de 100 mil pessoas morreram na Guerra dos camponeses: homens, como corvos, morreram enforcados em árvores; mulheres, violadas, foram abandonadas à morte em valas; crianças, desoladas, foram deixadas à mercê da fome, no inverno terrível de 1525–6 (Matheson, 2001, p. 97).

Críticas contra Lutero e a supressão sangrenta dos camponeses vieram de diversas direções.

Seu objetivo era a primeira parte da Admonition [Exortação] fosse dirigida aos camponeses “bons” e a segunda, aos “maus”. Impressores, contudo, separaram a obra, tirando “de outros” da segunda metade do título — publicada logo após o massacre horrível ocorrido em Frankenhausen. Essas circunstâncias fizeram parecer que Lutero havia se voltado totalmente contra o homem comum, quando, na verdade, esse não era o caso. Mesmo em sua segunda obra, Lutero instara aos governantes a primeiro tentar uma reconciliação, usando força como meio de pôr fim à rebelião apenas na ausência de um eventual acordo. Essas circunstâncias não foram conhecidas na época e, em geral, têm sido ignoradas desde então em julgamentos históricos de Lutero, retratando-o como quem estava mais preocupado com seu próprio programa de reformas do que com a vida dos oprimidos. (p.218).

A Confissão de Algsburgo foi um momento de tentativa de reconciliação entre as ideias Luteranas e católicas, escrita por Felipe Melâncto - representante de Lutero, esta foi apoiada pelos príncipes alemães. “Lutero ficou tão impressionado com as habilidades linguísticas de Melanchthon que o encarregou de dar as aulas da carta de Paulo aos Romanos. Melanchthon, por sua vez, tornou-se rapidamente apoiador e entusiasta de Lutero”. (Lindberg. 2017. P.130). A Confissão de Algsburgo teve por consequência a ruptura com a igreja católica, levando os príncipes a terem direito a sua própria religião que seria seguida por seus súditos. Alguns veem a cláusula que legalizava a emigração como o início da luta por direitos humanos com relação à liberdade religiosa e livre circulação. “Devemos nos lembrar, contudo, que o direito exigia a quitação de dívidas do cidadão para com seu príncipe, o que poderia ser economicamente impossível”. (Lindberg. 2017. p.312).

Por outro lado, A Paz de Augsburgo foi vantajosa aos que aderiram à Confissão de Augsburgo, “porém a legalização que os luteranos receberam não se estendeu a outros protestantes”, tais como anabatistas e adeptos da Reforma Suíça. — “cujo centro de gravidade mudara, àquela altura, para Genebra sob a influência de João Calvino”. (Ibidem).

Calvino Foi um dos reformadores mais influentes, e contribuiu para a mudança social que a Reforma Protestante havia iniciado, porém desta vez para um âmbito econômico, devido a sua influência, considerando que era de família burguesa na região da Suíça.

João Calvino era Francês, mas descendente de uma família rica e burguesa da Suíça. Na cidade de Genebra na Suíça estabeleceu como centro de refúgio aos protestantes que sofriam perseguições da igreja católica. Também combateu aqueles que não concordavam com sua doutrina, e alguns foram levados inclusive a morte. Ofereceu aos reformadores uma clara disciplina eclesiástica, que tentava afastar os riscos de radicalização social (CAMPOS; CLARO; DOLHNIKOFF. 2018).

Sabendo disso, devemos gastar um pouco de tempo para explicar desencadeamento da mudança social na economia europeia, proporcionado por esse reformador. Assim como o momento em que a reforma chega à Inglaterra, criando o que se torna a religião oficial do país, o Anglicanismo. E por fim a resposta da Igreja Católica com a Contrarreforma ou Reforma Católica.

Calvino (1509–1564) fugido da França por conta da monarquia católica, acha refúgio na cidade de Genebra, na Suíça. “No centro de todo elogio e de toda culpa em torno de Genebra esteve João Calvino, ele próprio um refugiado da França, sua terra natal”. (p.315). A teologia doutrinadora da predestinação, não é o ensino mas uma doutrina onde Deus é quem salva o indivíduo pela graça, A doutrina se baseia na ênfase de Calvino na “declaração de Cristo aos discípulos: ‘Vocês não me escolheram, mas eu os escolhi’ [João 15:16]” (McNeill e Battles, 1960, p. 935). “predestinação não é o ensino mais importante, isto é, a doutrina a partir da qual as demais fluem, mas o resultado da convicção central reformada de que a salvação é somente pela graça”. (Lindberg. 2017. p.339).

Desse modo, predestinação não é um esforço no sentido de fornecer um mapa da mente de Deus, mas uma expressão de cuidado pastoral. Em nível pessoal, é a proclamação de que a salvação é um dom de Deus e de escolha individual, a despeito de dúvidas, incredulidade e circunstâncias externas. (Lindberg. 2017. p.339).

A doutrina abriu espaço para o pensamento que o lucro é sinal de favor divino. Construindo uma ética que enxergava com bons olhos o ganho, favorecendo o sistema capitalista em ascensão. Influenciou a burguesia e expandiu o pensamento da reforma mais do que o próprio Martinho Lutero.

Já a reforma anglicana teve motivos mais políticos do que religioso. O rei Henrique VIII motivado pelo desejo de separação da sua esposa Catarina de Aragão, para se casar com Ana Bolena, teve seu pedido negado pelo Papa e decidiu se tornar-se chefe supremo da Igreja da Inglaterra, apropriando-se das terras da igreja com o ato de supremacia (1545) e adotando características protestantes como salvação pela fé. Houve vários conflitos e disputas para decidir se o catolicismo ou o calvinismo predominaria na igreja inglesa. Mas a igreja anglicana só teria suas características firmadas com Elisabeth I (1558 a 1603), adotando doutrinas puritanas e liturgia e autoridade Católica.

A contra reforma por outro lado teve por intuito aplacar a expansão do protestantismo, teve sua origem no concílio de Trento onde foram reafirmadas as doutrinas católicas e a moralização do clero. Foi criada a companhia de Jesus (os jesuítas) que tinha a missão de pregar o catolicismo e diminuir a influência protestante nos países ibéricos. Criou-se o index, que trouxe uma lista de livros proibidos pela igreja católica, considerados heréticos.

3. Revisão Bibliográfica da Reforma Protestante e Lutero.

Em 2017 a reforma protestante esteve comemorando 500 anos de sua história. Uma série de dossiês e artigos veio saudar este momento tão importante da história da civilização. “A coleção Reforma Protestante: o que deve ainda mudar”? 50 anos depois a coletânea daria a mesma importância que esse velho amante de Lutero que o tinha como uma peça chave da engrenagem da grande mudança. Não diferente, a coleção, o dossiê é contemplado como uma série de textos acadêmicos de autores de diversas áreas do conhecimento, no esmiuçamento perfeito de contemplação as ideias e as práticas dos reformadores, num apreço fisiológico por Martinho Lutero e Calvino, como contemporâneos de um mesmo ideal apaixonado.

É possível que esse amor pela Reforma e pelo próprio Lutero, fosse compartilhado entre teólogos e historiadores, no sentido de entenderem ser o principal acontecimento de constituição tanto do mundo moderno, como da religião. Não é o único historiador a aceitar o fato como uma ruptura inevitável com o

passado; alguns dos principais biógrafos de Lutero já demonstram um vínculo audível de Lutero à reforma e aos reformadores com o novo mundo que se abriria.

Lienhard, M.(1998); Neves, Pe. (1998); Keith Randell (1995) (*Cativo à palavra. 2017*), atribui Lutero ao espírito da reforma e a mesma é a nova fé que o mundo moderno perscruta. Patrick Collison (2006) (*A reforma. 2006*), Daniel Rops, (1996) (*A igreja da renascença e da reforma.1996*), Steven Lawson (2014) (*Lutero a arte expositiva*), entenderiam como o apelo das classes para uma nova ética: cultural, social, econômica e eclesiástica, e os reformadores seriam a filosofia substancial que nutre as ambições de uma sociedade afetada pelo humanismo das massas que insurge além das cortes dos príncipes e das igrejas dos papas. Lutero seria a alma libertadora (Walter Altman,1994). Lyndal (2020) (*Martinho Lutero: renegado e profeta. 2000*), não está muito distante disso, Lutero é a convicção que se realiza entre os nobres patriarcas dos novos tempos.

Muitos diriam quanto bajuladores, como traz um livro de edição católica, (o fim da farsa), onde acusam de omissos todos aqueles que mantêm viva a memória social, política e cultural da Reforma. Nesse aspecto, a edição está correta, há muitos que amam a reforma mais que a odeia. E quanto mais aqui nessa breve introdução de capítulo poderíamos citar que entende a natureza da reforma como uma força necessária. Mas para quê?

Reid, W. Stanford. (1990) (*A propagação do calvinismo do século xvi.1990*), ver a presença de Calvino como forte influencia no modelo político da Europa, que se fecharia para antigas práticas políticas feudais. Henri Strohl (2004) (*O pensamento da reforma, 2004*), descreve o futuro pragmático construído pelos reformadores, deixando de herança para todos aqueles que tiveram contato com seu catecismo. Theodoro Beza (2006) (*A vida e a morte de João Calvino. 2006*) diz que se Calvino tinha um objetivo único que perseguia até sua morte, cujo, era reformar as bases religiosas de uma sociedade ultrapassada, tanto em suas crenças como nas suas relações.

Saussure, A.(2003) (*Saussure, A. O grande reformador que revolucionou seu tempo e mudou a história da igreja, 2003*), ver a reforma como espetáculo da vida moderna, que influencia nosso comportamento ocidental, Costa (2012) (*O protestantismo e a palavra imprensa no Brasil, 2012; A reforma calvinista e a*

educação, 2000), em suas principais obras percebe o avanço da Reforma no ocidente como o novo modelo de vida ocidental. André Bièler (1999) (*A força oculta dos protestantes, 1999*), a compreende como fundadora de uma nova concepção de valores, Marx Weber (2004) (*A ética protestante*) também viria a pontuar que a reforma operou uma lógica capitalista antes da explosão do capitalismo, que na verdade essa ética do dinheiro só viria a se desenvolver por suas raízes históricas. Ferreira (*Ferreira, P. A reforma em quatro tempos p .41*), a compreende como o evento ainda presente, não encerrado. O pastor, professor e teólogo, Carl Trueman (2013) (*A reforma hoje e amanhã. 2013*) dá a mesma importância, enfatizando que os protestos ainda operam em todo mundo.

Em 2019 outro dossiê, titulado “Reforma Protestante e Novos enfoques: já se assemelha mais como uma obra social, onde a reforma é discutida em vários campos de abordagens. O leitor pesquisador terá acesso as novas interpretações, proporcionadas pelos novos enfoques, das novas descobertas, como os cursos de 1509 lecionados por Lutero, cartas discriminadas, documentação já utilizada por Febvre em seu clássico, “Martinho Lutero: um destino”. Na verdade, o dossiê ele é o apanhado de pesquisas independentes que vieram contribuir para um novo olhar sobre a Reforma Protestante.

Outra coletânea de mesmo significado é o trabalho de Matthew,B (2017), Banzol, Lucas. (*500 anos da reforma*); Stott,J; Reaves, M;(A reforma o que você precisa saber?); Timothy, G. (1993) (*Teologia dos reformadores. 1993*). Textos que diferente de uma tradição de história narrativa, traz os acontecimentos como resultantes de contextos diferentes, aqui a reforma é apresentada em sua cronologia morfológica, e dentro de suas estruturas independentes e interdisciplinar. Vemos uma História Privada da Reforma, O cotidiano da mentalidade reformadora, Uma história social e cultural da reforma. Enfim, os diferentes estudos, permite estudar a reforma sob daquilo que os livros didáticos não trazem.

Deste modo, os projetos só revelam o quanto a reforma ainda é um filho querido de sociólogos, teólogos e historiadores, e quanto é tema de importância e significado. Diferente do Padre Denifle (*FEBVRE, Lucien. Martinho Lutero: um destino*), uns dos primeiros a escrever uma obra histórica sobre Lutero e a Reforma Protestante, que a vê como um acidente prejudicial, os novos estudos querem saber

mais e mais, buscando aprender com esse importante acontecimento da história moderna. Mais Um exemplo claro do efeito da Reforma na modernidade e na historiografia da reforma são historiadores como Carl Lindberg (2001); Alisten Mcgrath (2014), Dawson (2014); Peter, Marshall (2017), que revisam a reforma a partir das mais diversas estruturas. São textos que abordam além do fenômeno da própria reforma a partir de diversas estruturas de análises sistematiza o contexto da evolução da discussão do tema que é importante para novos pesquisadores construir um conhecimento independente sobre a reforma. São na verdade clássicos contemporâneos, que poderiam ser utilizados como referências no ensino de história voltado para a didática e o livro escolar.

A partir dessa diversidade de material bibliográfico é preciso assumir que capturar a reforma é um trabalho arduo a saber, quem escreve a história da Reforma a faz a partir de tendências de abordagens vinculadas a campos ideológicos ou a paradigmas literários dogmáticos. Que tendências assumiremos nessa revisão bibliográfica da história da reforma? E quais são os tipos de documentos que as pesquisas se apoiam. É essencial esclarecer quais são os documentos primários da reforma. Febvre (2012) e Lindberg (2017) nos apresenta uma pequena amostra da originalidade dessa documentação e sua abordagem no campo da produção do conhecimento historiográfico.

Segundo o historiador dos Annales, Lucien Febvre, os documentos deveriam ser documentados conforme as fases da vida de Lutero. Não como o compilado expresso. Isso ele quer dizer, são: sermões, cursos, cartas escritas, comentários dos evangelhos e obras contemporâneas de Lutero além de “conversas as mesas”. Utilizadas pelo o individualismo da profissão e sua nacionalidade. Como seus primeiros documentaristas do Luteranismo têm Padre Denifle e Otto Scheel. Representações do nacionalismo em disputa. O primeiro italiano que desqualifica a loucura de Lutero, e o outro um alemão que vê esse mesmo sintoma como um sinal de genialidade. Que Isso foi sistematizado pelos livros didáticos como Luteranismo ou reforma Luterana. Vida e obra de Lutero. Assim, a bibliografia, ou em bom termo febvreano: a alma humana de Lutero é compreendida a partir da “imparcialidade” de interpretação que fizeram das suas obras.

Febvre foi uns dos poucos notáveis historiadores de sua época a defender a humanidade em Lutero e libertar a alma humana presa na história. Sua obra sobre Lutero, como o mesmo diz é uma opinião. Mas sobre o quê? Uma análise psicológica sobre um homem e os motivos psíquicos de suas revoltava contra todos aqueles que o incomodava. Uma investigação sobre seus exageros, sua violência ou motivação. Febvre realiza uma busca por aqueles que o condenaram, dos elementos que fizeram sua alma ser temida. O mesmo questiona.

A reforma do século XVI de Febvre, a princípio seria silenciada pelos livros didáticos. Os livros estão acostumados a ter Lutero como um homem confiante, audacioso que sofreu na vida, mas superou e transformou o mundo antigo. Poucos entenderiam o homem inclinado à introspecção, com dúvidas, temores, obstinação, incertezas, ou seja, como a vida de qualquer pessoa, uma existência em construção. Os alunos são ensinados sobre a objetividade dos fenômenos, sociais e políticos, não como esses mesmos atinge nossa psique. Desta maneira o luteranismo de Febvre é menos óbvio, não se baseia direito a que doutrina o influenciou se foi o humanismo tardio, ou próprio santo Agostinho, ou se seu desprezo está voltado para o escolasticismo feudal que completava todo currículo universitário. Para Febvre não é claro que sua viagem a Roma tivesse excitado a ele a desobediência, como também não é nítido que Romanos tenha o instigado o espírito. Segundo Febvre todos esses elementos são verdadeiros, porém, estão em construção na mente de Lutero, eles aparecem e somem na mesma velocidade e intensidade. Como de costume, Febvre esboça sua crítica à historiografia que vê Lutero apenas como um objeto de estudo religioso ou político como costuma a ser representada nos livros escolares.

Para Febvre se o elemento que deflagrou as 95 teses no ano de 1517 é aconselhável visitar os anos de 1509-1510. É uma revolta que começa no interior, na vida privada do sujeito. As motivações de Lutero são contrações de sua fé e seu compromisso com ela que cresce no interior de seus pensamentos e justificam sua ação. O pensamento da reforma ética, religiosa, eclesiástica, todas são possíveis na mente de Lutero, ela foi instigada pelo confronto da crença aos dogmas e a obediência à hierarquia, do que mesmo uma descrença ou desobediência. Visto que, para Febvre o que ele mais buscava é uma paz interior.

Neste sentido para moderna historiografia a reforma protestante seria uma história vista de baixo, não de cima como os livros escolares transmitem representados por grandes acontecimentos. Por exemplo: o encontro de Lutero como a doutrina da Justificação com Romanos, leitura que sistematiza sua doutrina, Lutero fixa as 95 teses em Wittenberg, é excomungado pela bula *domine excomungue*, em 1521 queima a mesma, no mesmo ano é convocado à dieta de Worms para se retratar, convicto não o faz. É definitivamente tornado um herege, por sorte da providência e de sua influência é protegido pelo eleitor da saxônia, retiro intelectual que fez Gutenberg ser reconhecido, em 1524-27, em um ato de contradição apoia a nobreza contra os camponeses em favor dos príncipes. Em 1530, na confissão de Augsburgo, firma sua doutrina e em 1545 na Paz Augsburgo Lutero e os príncipes conquistam o direito de expressão protestante que se expande e influenciam outros reformadores. Elementos culturais nesta narrativa didática trariam efeitos diferentes na compreensão dos acontecimentos, só os campos da cultura, das mentalidades e do cotidiano poderiam capturar.

Contudo, Febvre descortinou a cronologia do tempo de Lutero. Para Febvre ele se apresenta em três: infância, juventude e velhice. Febvre fez a partir de um homem a história privada da cultura do século XVI. Diferente dos livros Lutero é contexto é fases, e não obra política acabada.

Quais são as conclusões de Febvre: Logo na introdução Febvre pré-anuncia. Que escreverá sobre Lutero a partir de direções e trajetórias diferentes, estas que se relacionam as diferentes propostas da reforma protestante e seus reformadores. A investigação que foi produzida sobre Lutero, fora uma disputa nacional entre as nações que dividiria a valorização a imagem de Lutero e da reforma entre o herói e do anti-herói. São clausuras de um método que não expressam os fenômenos sociais, e por não os compreender abafaram a história de um homem importante quanto ao fenômeno religioso em transformação. Sua pobreza não o fez o revoltoso contra os abusos e opressão dos papas e príncipes, pois teve condições e amor maternal. Sua educação rígida não o tornou o reformador no futuro que pregaria as marcas de “sua heresia”. Sua base espiritual no convento de Erfurt, não são objeções das incertezas, mas das certezas de um sujeito convicto, semelhante a outros monges.

Esses são alguns elementos que tornam o Lutero de Febvre mais um sujeito comum do que um mito. Mas, assim como todos os indivíduos é parte da história. Na obra de Febvre a reforma é humanizada de uma forma que quase se percebe alma de um acontecimento.

Considerações Finais

Lutero e a Reforma protestante fazem parte de um momento histórico muito importante para a construção do mundo moderno. É possível ao vermos nos livros didáticos, nos quais aprendemos e ensinamos sobre, uma estima que por vezes omite o lado humano de Lutero e as contradições da Reforma. No imaginário social a Reforma foi um evento linear, mas ao contrário disso ela foi constituída de várias reviravoltas, onde contribuiu para o desenvolvimento econômico em alguns países Europeus, porém a custo de conflitos que resultaram em mortes cruéis e desumanas.

Até mesmo seu Reformador inicial, Martinho Lutero, por certos momentos questionou o caminho ao qual “sua” reforma teria tomado, tentando inclusive se retratar com a Igreja Católica na Confissão de Fé de Augsburgo, tendo na verdade um resultado oposto. Outro ponto que percebemos é que a Reforma Protestante não se iniciou com Martinho Lutero, mas já tinha suas raízes plantadas com John Wycliffe e Jan Huss séculos atrás.

A partir disto percebemos que a Reforma foi um longo processo de transformações sociais que tiveram altas e baixas, e seus protagonistas eram acima de tudo homens com convicções, medos e anseios. Com esse conhecimento, não mitificamos as pessoas e os eventos no âmbito do sagrado ou heroico, mas damos o devido valor e importância que teve o momento histórico e as pessoas nele envolvidas.

Como historiadores fazemos aquilo que Marc Bloch destacou “*O historiador é como o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua presa*” (Bloch p.20). Persequimos o homem no tempo, e dele fazemos nosso objeto de estudo, mesmo que isso signifique nos reinventar como pesquisadores e reformular nossas verdades.

REFERÊNCIAS

BANZOLI, Lucas. **500 anos da Reforma**. 1. Ed, 2018.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAMPOS, Flávio; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF, Miriam. **História : escola e democracia** : manual do professor. – 1. Ed. – São Paulo : Moderna, 2018.

CAVACO, Tiago. **Cuidado com o alemão: três dentadas que Martinho Lutero da a nossa época**. – 1. Ed. Vida Nova, 2017.

CHAUNU, P. **O tempo das reformas; A reforma protestante**. 1. Ed, 2002.

DAWSON, C. **A divisão da Cristandade: da reforma protestante e a era do iluminismo**. – 1. Ed. É realizações, 2014.

DELUMEAU, Jean. **Nascimento e afirmação da Reforma**. Ed. Pioneira, 1989.

DURANT, Will. **A reforma**. Ed. Record, 1994.

ENGELS, Fredrich. **As guerras camponesas**. Ed. Vitória, 1946.

FEBVRE, Lucien. **Martinho /Lutero: um destino**. Ed. Revista de História, 2013.

FERREIRA, P. **A Reforma em Quatro tempos**. Ed. CPAD, 2017.

LINDBERG, C. **Reformas na Europa**. Ed. Sinodal, 2002.

MARSHALL, Peter. **Reforma Protestante: uma breve introdução**. Ed. L&PM Pocket, 2018.

MATTHEW, B. **Teologia da Reforma**. Ed. Thomas Nelson Brasil; 1º Ed, 2017.

MCGRATH, Alister. **O pensamento Protestante**. 1º Ed. Cultura Cristã, 2019.

WEBER, Marx. **A ética Protestante e o espírito do capitalismo**, Ed. Martin Claret, 2013.

RUTH, A. Tucker. **A primeira-dama da Reforma**. Ed. Thomas Nelson, 2017.

SAUSSURE, A. **De Lutero: o grande reformador que revolucionou seu tempo e mudou a história da igreja.** Ed. Vida. 1º Ed, 2004.

STEVEN, L. **A arte expositiva de João Calvino.** Ed. Fiel, 2007.

_____. **A Heroica ousada de Martinho Lutero.** Ed. Fiel, 2013.

TIMOTHY, George. **Teologia dos reformadores.** Ed. Vida Nova. 2º Ed, 1993.

TRUEMAN, CARL. **Reforma /Ontem, hoje e amanhã.** Ed. Os Puritanos. 1º Ed, 2013.